

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NAS
SÉRIES INICIAIS**

FRANCISCA CELINA SOARES MARCILON

**MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

FORTALEZA - 2005

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Francisca Celina Soares Marcilon

MONOGRAFIA APROVADA EM: _____

Marisa Pascarelli Agrello

Orientador

Agradeço

A Deus:

- Por me fazer sua imagem e semelhança;
- Por me dar forças para vencer os obstáculos que a vida nos proporciona;
- Pela inteligência que me deu para discernir o bem do mal;
- Por tudo que tenho e sou, e, principalmente por ter me dado forças para chegar até aqui.

“Ninguém te sacudiu pelos ombros quando ainda era tempo.
Agora, a argila de que és feito já secou e endureceu e nada mais poderá
Despertar em ti o místico adormecido ou o poeta
ou o astrônomo que talvez te habitassem”.

Exupéry

RESUMO

Este trabalho se propõe a falar sobre as dificuldades da leitura e escrita, fazendo uma interligação para o olhar psicopedagógico. É interessante, atentar para o movimento histórico no campo da Psicologia, da Lingüística e da Pedagogia, analisando as relações entre as mesmas e as suas implicações sociais e políticas. Atualmente se fala muito da importância de se partir da experiência da criança e dar a palavra a ela. Deve-se levar em conta a variação lingüística e aceitar os erros que a criança produz; fala-se da necessidade de se conhecer os processos de aprendizagem, de se reconsiderar os procedimentos de ensino, de se rever os métodos de alfabetização. A criança não pode escrever sobre o que não conhece precisando de orientação contínua que facilite a construção do seu conhecimento. Todo conhecimento é construído em estreita relação com o conteúdo que é utilizado, sendo por isso mesmo impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes em cada período do desenvolvimento. Neste momento, o círculo parece ter se fechado e tudo indica que as contradições alcançaram um nível realmente descentralizado, como diz Emília Ferreiro, “em alguns momentos da história faz falta uma revolução conceitual”. Acredito ter chegado o momento de fazê-la a respeito da aprendizagem de leitura e escrita. É necessário uma reestruturação nos conceitos e nas posturas didáticas. É inevitável repensar a função do professor e principalmente rever o processo de desenvolvimento da criança, considerando-a como sujeito que está em processo de construção do conhecimento. A criança não está sendo alfabetizada por alguém, mas, sim, alfabetizando-se com o meio e com as pessoas que a cercam. É com a interação de analisar os processos de escrita e leitura nas crianças, nas relações de ensino e no movimento das transformações histórico-sociais e sob a ótica psicopedagógica que me proponho a discutir o assunto, tomando como ponto de partida algumas reflexões e inquietações tanto teóricas quanto práticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA.....	11
1.1 Tipos de Leitura: Gêneros de Textos	13
1.2 Funções da Leitura.....	14
1.3 Considerações Sobre a Aquisição da Leitura e da Escrita.....	16
1.4 Construção da Leitura e da Escrita.....	17
1.5 A Leitura e a Escola	20
2. DIFICULDADES NO PROCESSO DE LEITURA.....	25
2.1 Fatores que Levam às Dificuldades de Leitura	26
2.1.1 Fatores que Interferem na Aprendizagem da Leitura.....	26
2.1.2 Fatores Fundamentais que Devem ser Levados em Consideração.....	30
2.2 DIFICULDADES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	32
2.3 Dificuldades Especifica de Aprendizagem.....	32
2.3.1 Disgrafia	33
2.3.2 Discalculia	34
2.4 Entendendo a Dislexia	35
2.5 Características de um Quadro de Dislexia	37
2.6 A importância do diagnóstico	38
2.7 Tipos de dislexia	39

2.7.1 Pré-Dislexia.....	39
2.7.2 Dislexia-Dislática.....	39
2.7.3 Como Lêem os Disléticos.....	40
2.7.4 Dislalia.....	41
3. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, A LEITURA E A ESCRITA.....	44
3.1 Concepções Acerca das Dificuldades de Aprendizagem	44
3.1.1 Entendendo as Dificuldades de Aprendizagem	47
3.2 Dificuldades de Aprendizagem e Ansiedade.....	49
3.3 A Leitura.....	51
3.3.1 O Processo de Leitura.....	52
3.3.2 Dificuldades na Leitura	53
3.4 A Escrita.....	54
3.4.1 Dificuldades na Escrita	54
3.5 Dificuldades na Escrita e Ansiedade	55
4. DIFICULDADES VERSUS DISTÚRBIOS NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA	57
4.1 Diferenças Entre Dificuldades e Distúrbios	58
4.2 Características dos Distúrbios de Leitura	59
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

INTRODUÇÃO

Ao ingressar no mundo da escola, cria-se em torno da criança um círculo de expectativas referentes à aquisição da leitura e da escrita. Saber ler é muito importante para a criança em seu desenvolvimento pessoal. Certifica-se que a criança não está pronta para percorrer, sozinha, novos horizontes de conhecimentos de leitura. Cabe à escola a função de ensinar a ler, escrever e ampliar o domínio dos níveis de leitura. A escola pode e deve trabalhar e desenvolver, desde as séries iniciais, o gosto pela leitura e escrita.

Como este trabalho limita-se a analisar as dificuldades na aquisição da leitura (mais notadamente nas séries iniciais) procurou-se aprofundar-se nas teorias sobre o processo de alfabetização dentro do contexto da criança da classe popular, pois é onde se observa o maior índice de evasão e repetência causada, muitas vezes, pela dificuldade que estas crianças sentem na prática da leitura e interpretação de textos.

O domínio da leitura facilita o desenvolvimento e dá à criança condições de melhorar a sua comunicação. Auxilia ainda, no seu amadurecimento como cidadão participativo da sociedade. Aprender a ler é uma atividade complicada, mesmo com todo o esforço que se visualiza em um grupo de alunos que precisam do apoio e acompanhamento de um psicopedagogo. Pode-se, então, destacar a importância deste profissional na área escolar.

A dificuldade de aprendizagem que, por muitas vezes enfrenta-se, traz obstáculos à ação educativa na qual acredita-se. Quando se escolhe o magistério, faz-se uma aliança com a educação de um modo em geral. Opta-se por ser construtores do processo de aprendizagem, fator fundamental para que o ser humano possa exercer seu papel na sociedade.

Sensibilizados com essa problemática e sendo fiel ao objetivo de educador é que se busca realizar esse trabalho com o intuito de mostrar à classe educadora a importância da ação psicopedagógica, no que diz respeito às dificuldades de aprendizagens.

Este trabalho trata de uma abordagem teórica fundamentada em situações vividas no cotidiano. Procura-se fazer uma aproximação dos gêneros literários a fim de que possa tornar-se mais viável a convivência do educando na sociedade em que está inserido, mostrando que a leitura na escola é um ato prazeroso, contudo, enfoca-se as dificuldades que ocorrem para que esse processo possa fluir, não esquecendo nos de que existem, entre os alunos portadores de dificuldades, como a dislexia, mas que mesmo assim, podem e devem ser trabalhados em ambientes acolhedores e que o professor tem um papel de grande importância na construção da aprendizagem. O ato de ler deve ter como base o educando sujeito de sua própria aprendizagem.

Buscando mostrar que a leitura tem importância essencial na vida do ser humano, onde ele irá entender que ler é experimentar e atravessar passagens mais secretas tendo uma interação com as informações visuais e onde o aprendiz irá perceber que os diversos gêneros literários e as suas funções estão interligados. Encontra-se no capítulo “Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a leitura” o interesse que a educação e, em especial, a leitura, vem despertando naqueles que desejam uma educação de qualidade, passando pelas dificuldades que o indivíduo tem no processo de aprendizagem da leitura e procurando fazer um paralelo entre o que é dificuldade e distúrbio, observa-se que a relação família x escola x o ambiente onde está sendo feita a preparação e o desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita, precisam ser observados pelo profissional da Psicopedagogia para que este possa desenvolver a construção da leitura e escrita.

A proposta pedagógica com este trabalho é mostrar que a educação é um espaço social e que cabe ao profissional da educação, exercer o magistério com seriedade, compromisso e competência, a fim de que seja

responsável pelo sucesso de seu corpo discente, pois o magistério é um caminho fértil e precisa de profissionais seguros para assim conseguir agir e transformar a sociedade.

1. A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA

A leitura é um processo onde o leitor realiza um trabalho na construção do conhecimento do texto, assim terá como finalidade a formação de pessoas capazes de escrever com eficiência, selecionando pedaços de textos onde irá formar seu caráter. É assim que Cavalcante diz que, “há tantos livros quanto leitores, isto é: ler é experimentar a complexidade, a multiplicidade, é avistar incontáveis paisagens secretas que se ocultam sob o manto da vida cotidiana”. (1996, p.50)

O leitor só será competente quando por iniciativa própria for capaz de desenvolver habilidade de ler, compreender, interpretar diferentes tipos de textos. Contudo, a significação e o interesse devem caminhar juntos, isto é, a leitura deve se relacionar com a vida.

Segundo Fugêncio, “a leitura é o resultado da interação entre informações visuais e não visuais”, ou seja, quem lê constrói significados, unindo o seu conhecimento de mundo, sua vivência do cotidiano. (1992. p.49).

A importância da leitura no contexto social da aprendizagem gira, na opinião da Orlandi (1998), em torno de dois segmentos “O das classes populares e o das classes favorecidas”. Crianças e pais das classes populares vêem a aprendizagem como instrumento para a obtenção de melhores condições de vida. A leitura é avaliada em função de interesses utilitários. Já crianças e pais das classes favorecidas vêem a leitura como uma alternativa de expressão, de comunicação, nunca como exigência do e para o mundo do trabalho.

Saber ler é muito importante para integrar o indivíduo na sociedade. O leitor deficiente caminha de encontro ao fracasso, não apenas na sua vida acadêmica, mas de um mundo mais holístico.

A leitura favorece, segundo Prado, a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais juntas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual.

“A leitura e os livros têm hoje um significado e já não basta a uma pessoa complementar sua educação escolar. O progresso da ciência e da tecnologia se processa num ritmo tal que a instrução que hoje ministramos será considerada insuficiente amanhã”.
(1999, p.35)

Partindo do princípio que se aprende a ler, lendo, devem ser inseridos no contexto os mais variados tipos de textos com intenção de incentivar os alunos a relacionar o que é falado com o que é escrito. Sabe-se que as primeiras palavras ou letras a serem identificadas é a do próprio nome de pessoas próximas e que a primeira e principal leitura de uma criança deve ser estimulada através da fala.

Um bom leitor se constitui através da prática constante de textos com o ato de decodificar e refletir, quando novos horizontes se abrem para este leitor. O processo de ler é complexo. Envolve questões fundamentais e práticas no desenvolvimento social.

A leitura possibilita uma intimidade maior com as idéias e uma liberdade também maior porque, a todo o momento, o livro está à disposição do leitor para ser lido, relido, escolhendo esta ou aquela história, este ou aquele poema, que os permite refletir e entendê-lo.

Assim, a leitura ensina a pensar e, pensando, é que se adquire cultura.

Segundo Paulo Freire, a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler se veio dando na sua experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”. Na verdade, aquele mundo especial se dava a ele como o mundo de sua atividade perspectiva, por isso, mesmo como o mundo de suas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto em cuja percepção experimentava e, quando mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais. (1988, p.80)

A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Freire (1988, p.80).

1.1 Tipos de Leitura: Gêneros de Textos

É comum ouvir-se que o ensino da língua portuguesa é tradicional, pois quando se parte para o ensino da língua se faz de forma descontextualizada, tomando frases ou trechos isolados. Esse tipo de ensino parte do pressuposto de que a língua portuguesa apresenta uma única forma de realização: a forma padrão. Tal prática está associada à corrente lingüística – Estruturalista e o gerativismo – que partem de unidades menores que o texto.

Dentro da perspectiva da lingüística textual, a ciência busca o estudo da linguagem e se debruça sobre a questão dos gêneros, isto é, as distintas formas assumidas pelos mais diferentes tipos de textos que circulam nos mais variados âmbitos da comunicação.

Desta constatação chega-se a conclusão de que, dependendo da perspectiva que se adota para analisar os diversos tipos de textos, a

classificação será conduzida por um ou por outro enfoque. Os gêneros textuais não se caracterizam nem se definem por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos e sim por aspectos sócio-comunicativo e funcionais. O gênero é a forma como o texto se materializa e, por não ser fixo, cabe à escola facilitar a apropriação e a compreensão quanto à produção textual, mostrando que o termo gênero assume uma dimensão bem mais ampla e se desenvolve dentro do universo das relações sociais.

Cabe ao professor propor atividades ou textos que promovam a ativação do conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente, isto é, que eles se desenvolvam dentro do universo das relações sociais.

Há uma infinita possibilidade de produção de gêneros determinada pela enorme variedade das atividades humanas, o que levará o aluno a sentir o interesse em ler e mesmo redigir os seus próprios textos, já que se aprende a ler quando se é exposto materiais interessantes e significativos, pois quanto mais se expõem as formas de escrita, melhor se a domina.

1.2 Funções da Leitura

O processo de aprendizagem vinculada com a leitura é onde o indivíduo pode construir e ampliar o seu próprio conhecimento, tornando-se capaz de desenvolver sua consciência crítica.

Nas diversidades de situações sociais que se defronta, deve-se mobilizar estratégias adequadas de acordo com a intencionalidade de ler. É de suma importância conhecer as funções da leitura para melhor entendimento do seu papel na vida pessoal e social de cada um.

De acordo com Holliday, citados por Allende e Goldemarin, destacam-se algumas funções específicas que caracterizam a leitura na sua importância como, (1987, p. 19).

- **Função informativa** (presente em toda vida escolar). Essa modalidade de leitura deve propiciar:
 - A percepção de palavras com grande significação no texto.
 - A ativação de conhecimentos prévios.
 - A formulação e verificação de hipóteses.
- **Função ortográfica** (seqüência gráfica das palavras). Não só faz parte da leitura, mas ajuda a criança a construir o seu mundo da escrita.
- **Função interacional** (contos, convites, telegramas, comunicações). Pela leitura das narrativas maravilhosas, que são metáforas da vida, a criança expande seu ser e exerce sua capacidade simbólica.
- **Função imaginativa e criativa** (textos literários). No texto literário, o escritor usa a língua de modo peculiar; nele a palavra adquire características estéticas, oferecendo-se a mais de uma possibilidade de leitura.

Todas essas funções destacadas e praticadas na vida escolar estão presentes na vida cotidiana do indivíduo. Silva (1995) apresenta a leitura em três categorias básicas: Informação, Conhecimento e Prazer. Assegura que todo ser humano possui um potencial inato para ler e compreender qualquer tipo de linguagem necessitando apenas que seja exercitado. (p. 21).

Levando a leitura para uma realidade educacional, pode-se dizer que a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda que a própria vida do ser humano, registrando sua herança cultural nas páginas de um livro.

A leitura está ligada ao sucesso do ser humano onde a escola é a principal responsável por este sucesso, utilizando os livros como instrumentos de aprendizagem. No momento que se começa a ter acesso à leitura, o indivíduo deixa de ser um mero receptor de informações e passa a ser mais crítico, tendo assim uma maior abertura em seus horizontes.

A leitura é uma forma de participação, sendo possível de ser realizada somente entre os homens. Quando existe a vontade de construir e transformar, a leitura deixa de ser um fim e passa a ser um instrumento a serviço da ação reflexiva e da satisfação pessoal.

1.3 Considerações Sobre a Aquisição da Leitura e da Escrita

A discussão sobre a idade em que deve ser iniciada a aprendizagem da língua vem ocupando cada vez mais espaço em nossas publicações educacionais.

Entretanto, mais do que definir qual seria esse momento, cabe a discussão sobre a importância que a escrita tem para a criança.

As crianças iniciam as mais diversas aprendizagens antes de entrarem formalmente para a escola e não existe razão para que o mesmo não aconteça com a aprendizagem da escrita. A palavra escrita está presente no contexto da vida de uma criança, através dos meios de comunicação, cartazes na rua, letreiros e outros.

É, portanto, não só natural como desejável que se trabalhe com a leitura e a escrita na educação infantil.

Os estudiosos que seguem a orientação construtivista de Piaget demonstram que o interesse pela escrita e a interação da criança com ela tem

início muito antes dos sete anos, idade tradicionalmente considerada como marco de início da alfabetização.

Os exemplos, a partir de nossa vivência enquanto educadores, ou de experiências como pais, da quantidade de palavras que a criança desde muito cedo escreve à sua maneira, o nome de pessoas de sua família, ou ainda as palavras que escreve em seus brinquedos, brincadeiras, em seus desenhos.

1.4 Construção da Leitura e da Escrita

As investigações no campo da Psicogênese da leitura e da escrita têm despertado grandes interesses por parte de estudiosos preocupados em conhecer como a criança pensa e constrói noções sobre a linguagem escrita.

Emília Ferreiro e colaboradores, (1987), fundamentando-se na teoria da Psicogênese do conhecimento vêm estudando desde 1976 em Buenos Aires e a partir de 1976 em Genebra e México, os estágios de desenvolvimento da leitura e da escrita.

No Brasil, os estudos de Ferreiro, vêm sendo divulgados desde o início da década de oitenta e muito tem contribuído para uma inovação na proposta de alfabetização. Os mesmos vêm ajudando a compreender melhor a identificação dos níveis a serem atingidos pelas crianças no processo de construção da leitura e escrita.

No Ano de 1962, começaram a surgir mudanças sumamente importantes a respeito da maneira de compreender os processos de aquisição da língua oral da criança. De fato, acontece neste campo uma verdadeira revolução, até então dominado pelas concepções condutistas. Até esta época, a maior parte dos estudos sobre linguagem infantil ocupava-se,

predominantemente, do léxico, isto é, da quantidade de palavras utilizadas pela criança.

O ponto de partida da aprendizagem é a própria criança. Por isso ao invés de uma preocupação somente com o ensino da leitura e da escrita na educação infantil e com mínimo significativo de crianças que fracassam nos primeiros passos da alfabetização, deve-se levar em conta que a aprendizagem da leitura ocorre muito antes da criança iniciar na escola.

Assim sendo, a leitura e a escrita constituem um sistema de representação da linguagem, convertendo-se sua aquisição numa aprendizagem conceitual. Esse fato muda radicalmente a abordagem escolar, impondo a necessidade de maior conhecimento por parte do professor, e respeito à criança, que segue um caminho próprio na sua evolução, que, idéias originais sobre o assunto e que não se apropria desses objetos culturais sem que tenha passado pela difícil tarefa de reinventar o sistema de representação da língua escrita. Isso envolve a compreensão da natureza desse sistema e a descoberta das leis que o regulam.

Para permitir que a evolução se processe de forma coerente com o ponto de vista do sujeito que aprende, a escola deverá propiciar o convívio da criança com farto e variado material que envolva leitura e escrita a fim de permitir que a criança produza escritas espontâneas, do jeito que ela pensa que deve ser escrito com ausência de censura quanto ao “certo” e “errado”, ao invés de se ater apenas nas cópias, daquilo que o professor escreve. A cópia é apenas um dos recursos existentes e deve ser reduzido, uma vez que não é o mais importante. Desta forma, a criança passa a escrever de acordo com suas hipóteses.

Se a criança, apenas copia, ela passa a pensar que só o professor sabe, podendo ocorrer o bloqueio: ela escreve a sua maneira, achando que não sabe.

Quando copia, a criança não pensa, centra sua atenção somente no traçado gráfico, deixando de jogar com suas hipóteses. Entretanto quando escreve livremente, a seu modo de acordo com suas hipóteses ela pensa, analisa o que escreve, descobre contradições, achando novos motivos para buscar novos esquemas interpretativos. Esses conflitos propiciam a evolução no processo de construção do sistema.

Essa evolução pode se processar na escola ou fora dela, dependendo do ambiente onde a criança vive. Daí o fato que ocorre com muita frequência: a criança aprende a ler sozinha, ou pelo contrário, não aprende a ler, apesar do grande esforço da escola.

“O sucesso ou fracasso da alfabetização depende do nível de evolução conceitual da criança, quando chega à Escola. Caso se apresente bem evoluída no seu processo de construção tudo vai, porém se não teve contato com livros, revistas, jornais, etc.; não ouvir nem ler histórias, não lhe foram propiciada oportunidade de “escrever” a seu modo de acordo com suas hipóteses, essa criança chega sem condições de compreender e acompanhar o trabalho de alfabetização que a escola lhe oferece.” (Luck, 1990, p.57).

No momento, poucas escolas procuram averiguar o nível de evolução no aspecto conceitual para que possam partir de onde a criança se encontra. Em geral, ignora-se o que essa criança já sabe, partindo do pressuposto de que todos estão no mesmo nível e que são capazes de se submeterem a um processo que é coerente apenas com a intuição e visão do adulto, não se levando em conta a natureza do objetivo a ser conhecido e a gênese da evolução, ou seja, os caminhos que a criança percorre para estabelecer relações e compreender o processo de construção do sistema.

A leitura, a escrita e a linguagem oral se desenvolvem de forma articulada e atuam de maneira interdependente desde muito cedo, desde que nascemos. A alfabetização, ou melhor, a construção do processo de letramento inicial não é um processo abstrato, mas que ocorre e tem lugar em contextos culturais e sociais determinados.

Em determinadas famílias, as crianças entram muito cedo em contato com as práticas de leitura e escrita. Essas interações estão provavelmente na base das aprendizagens convencionais sobre o que seja ler e escrever, e influenciam a construção destes saberes.

A linguagem escrita tem uma representação simbólica cujas marcas gráficas para serem reconhecidas, necessitam da atuação dos agentes sociais como intérpretes, cuja função é transformar essas marcas gráficas em objetos lingüísticos. Ferreiro (1999, p.27).

1.5 A Leitura e a Escola

Ensinar a ler e a escrever são tarefas da escola, desafio indispensável para todas as áreas e disciplinas escolares, uma vez que ler e escrever são os meios básicos para o desenvolvimento da capacidade de aprender e constitui competências para a formação do estudante, responsabilidade maior da escola.

Escrever e ler são duas atividades conduzidas ao menos paralelamente. Ensina-se a ler e escrever letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. Na prática, ao longo do ano escolar, se dá muito mais ênfase à escrita do que à leitura. Exige-se muito mais do aluno com relação à escrita do que com relação à leitura. Isso se deve ao fato de a escola saber muito bem o que o aluno faz quando lê, sobretudo quando ele lê em silêncio. E a escola tem

a mania de querer controlar tudo. O privilégio da escrita sobre a leitura se deve a essa maior facilidade de avaliação escolar.

Porém, ler, principalmente nos primeiros anos da escrita, parece nos uma atividade tão importante quanto à proibição espontânea de textos, ou talvez até mais importante. Atualmente é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Ainda mais: há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo pessoas que vivem nas cidades, precisam saber ler pelo menos placas de ônibus, números, nomes, etiquetas, documentos, entre outros.

Dados os problemas sérios de repetição e evasão, seria bom que a escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente com a ortografia e desse maior ênfase à leitura, desde a alfabetização.

Numa primeira instância, ler e escrever é alfabetizar, levar o aluno ao domínio do código escrito. E é sempre bom levar em conta o que dizem as atuais pesquisas sobre o processo de alfabetização. Ao alfabetizar-se, o aluno não está apenas transpondo a língua que já fala para um outro código, mas está aprendendo uma outra língua, a língua escrita, isto porque a língua falada não é a mesma escrita.

A escola vem se constituindo como espaço privilegiado para a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo da criança com o ler e o escrever. Para muitas crianças de nosso país, a escola é o único lugar onde há livros, ou a sala de aula o lugar onde os alunos não estão voltados apenas para a televisão.

Assim, cabe a ela a tarefa de levar o aluno a ler e escrever, a atrever-se a persistir nesta aprendizagem entre ensaio e erro, a construir suas próprias hipóteses a respeito do sentido do que lê e do que escreve, a assumir pontos de vista próprios para escrever a respeito do que vê, inclusive na TV, do que sente, do que viveu, do que leu nos diversos suportes que existem, do que

ouviu em aula e do que vê no mundo, promovendo em seus textos um diálogo entre vida e escola, mediado pelo professor, um leitor mais experiente.

É na escola que a própria TV pode ser vista de uma forma não apenas lúdica, mas também crítica. É na escola que se pode promover, por meio da leitura, as diferentes aprendizagens de cada área de conhecimento e do mundo. Não é, portanto, uma tarefa simples e, no entanto, possui um grandioso alcance na vida de todo e qualquer estudante: crianças, jovens e adultos.

Se em casa não se tem o hábito e o gosto da leitura, só resta ir para a escola, onde o professor tem um papel de suma importância. Não basta somente alfabetizar a criança, é preciso despertar nela a vontade e o interesse pela leitura, para torná-la uma boa leitora. É tão verdade esse fato que mereceu de Poppovic o comentário,

“A motivação é um fator de grande importância para a aprendizagem e esses alunos alcançam esse estágio quando as coisas têm um significado para eles, quando participam diretamente desse processo.” (1990 p. 116-117).

Aprender a ler é mais difícil do que aprender a escrever. Uma criança pode começar ouvindo histórias, aprendendo a decifrar os sons das letras em diversos contextos, e se pôr a ler pequenos textos de cujo conteúdo já tem conhecimento ou sabe de cor, como canções, provérbios, adivinhações, entre outros. Aprendidos os primeiros segredos de leitura, as crianças ficam ávidas por ler e, na grande maioria dos casos, frustam-se pela falta de material de leitura.

É preciso repensar esses procedimentos em relação à escrita e à leitura na escola, dando um lugar de maior prestígio à leitura desde o início do processo de alfabetização. Uma criança que aprende a ler toma velocidade no aprendizado da primeira série. Um aluno que não lê aprenderá o resto com

dificuldade, e pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo muito bem o que está escrito e nem como funciona.

“Ler é uma das primeiras habilidades que se aprende na escola. Mas existe uma diferença muito grande entre a capacidade de reconhecer e pronunciar palavras e a capacidade de ler compreendendo.” (Garcia, 1986, p.30).

Segundo Gil, a leitura é um dos mais seguros instrumentos de progresso intelectual. E é o elixir que impede aos homens transformar-se em animais. (1987, p.34).

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar.

A maneira como a escola costuma introduzir os alunos na leitura, através do bê-á-bá, isto é, através das famílias silábicas, pode acarretar problemas sérios para a formação de leitor. O reconhecimento de famílias silábicas, como o próprio reconhecimento das letras, faz parte do processo de decifração e não é a leitura propriamente dita. É apenas um estágio inicial da leitura. Como esse processo apresenta dificuldades sérias ao leitor iniciante, é preciso dar o tempo suficiente para que ele prepare a sua leitura vencendo essas dificuldades. Se a escola insistir muito nisso, o aluno pode se tornar um leitor que lê silabando ou, quando muito, um leitor de palavra por palavra, o que não é correto. É preciso que o leitor diga o que lê como se fosse o autor daquilo que está lendo, quando lê em voz alta.

É preciso dar tempo à criança para que possa processar todas as etapas da fala ao ler em voz alta, de tal modo que sua leitura realize a entoação e o ritmo adequadamente. Ninguém é capaz de processar o ritmo e a

entoação lendo por sílabas ou por palavras, porque tais aspectos são programados no mínimo ao nível dos grupos tonais.

“A leitura deve variar de acordo com o texto. Não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma narrativa. A reflexão que o primeiro tipo de leitura exige é diferente da que exigem o segundo e o terceiro. É preciso ensinar às crianças como proceder em cada caso, mostrando-lhes como ler provas, exames, revistas, etc.” (Duarte, 1987, p.50).

Na escola, a leitura serve não só para se aprender a ler, como para aprender outras coisas, lendo. A leitura é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma ortográfica das palavras. Para conseguir esses objetivos da leitura é preciso planejar as atividades de tal modo que possa realizar o que se pretende. A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atitude para a qual a professora e a escola não dedicam mais que uns míseros minutos, na ânsia de retomar aos problemas de escrita julgados mais importantes. Há um descaso enorme pela lei, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola; no entanto, a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte de educação com ou sem escola.

2. DIFICULDADES NO PROCESSO DE LEITURA

Ao ingressar na escola, as crianças enfrentam inúmeras dificuldades no processo de aprendizagem. É oportuno lembrar que em uma criança, onde se pode constatar uma imaturidade em relação à leitura, vê-se que ela não demonstrará interesse pela leitura se não houver uma estimulação, sendo difícil que ela se envolva e muito menos que venha a gostar de ler. É por isso que Machado diz que “dois fatores levam uma criança a gostar de ler: curiosidade e exemplo. Por isso é fundamental o adulto mostrar o interesse.” (2002, p.26).

Outra dificuldade identificada está ligada a rotina das metodologias tradicionais: as letras, as sílabas. Assim, as palavras parecem evasivas, sem sentido, onde tanto as crianças que já têm alguma experiência em leitura como as que não têm, correm riscos de perderem o interesse e o gosto pela leitura.

Também se pode falar nos textos e, principalmente, nos livros didáticos que pouco ou nada oferecem em relação com a realidade do aluno, contribuindo, também, para o afastamento e o desgosto pela leitura.

Dentre as dificuldades que interferem na aprendizagem da leitura, encontra-se a Dislexia, distúrbio causado por fatores neurológicos, psíquicos ou educativos.

A Dislexia pode ser diagnosticada a partir da época em que a criança vai ser alfabetizada, ocorrendo geralmente entre oito ou nove anos. Porém, não se deve tachar a criança de disléxica só por ela apresentar alguma falha na leitura e escrita. Outros fatores precisam ser considerados e estudados com mais profundidade.

2.1 Fatores que Levam às Dificuldades de Leitura

Paín diz que, (1992)

“Podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destacam como sinal de descompensação”. (P.28)

A criança é um todo e quando apresenta dificuldades de aprendizagens, precisa ser avaliada, acompanhada, para que os profissionais, reconhecendo e tendo diagnosticado o desvio, possa adequá-la à realidade da aprendizagem.

2.1.1 Fatores que Interferem na Aprendizagem da Leitura

Desenvolvimento mental

Piaget, (1975) observou que o desenvolvimento mental se dá em cinco etapas distintas, às quais denominou de: fase sensório-motora, fase do pensamento simbólico, do pensamento intuitivo, das operações concretas e das operações formais.

A fase sensório-motora se estende do nascimento aos 2 anos. Neste período, os estágios podem ser descritos da seguinte forma: no 1º mês, o bebê apenas exerce seus reflexos; de 01 a 04 meses, repete, intencionalmente, as reações que produzem resultados interessantes; de 08 a 12 meses, distingue os meios dos fins; de 12 a 18 meses, faz experimentação ativa; de 18 meses a

02 anos, adquire a capacidade de reagir e de pensar sobre objetivos e acontecimentos que não são observáveis.

A fase do pensamento simbólico vai dos 02 aos 04 anos. O pensamento, neste período, consiste em relacionar mutuamente significados e implica a conexão entre o símbolo e a realidade por ele representada. A criança é incapaz de conclusões lógicas.

A fase do pensamento intuitivo ocupa o período de 4 a 7 anos. Aqui, há uma crescente capacidade para formar conceitos com uma cada vez maior coordenação gradual das relações lógicas. Contudo, o pensamento é ainda imperfeito e a operação de pensamento é superior pelos ilusórios efeitos da percepção. As conclusões são intuitivas, baseadas na observação.

A fase das operações concretas vai de 7 aos 12 anos. Agora a criança já usa a lógica e o raciocínio de um modo elementar, mas unicamente os aplica na manipulação de objetos concretos, não em preposições verbais.

Finalmente, por volta dos 12 anos, na fase das operações formais, a criança adquire a capacidade de pensar hipotética e dedutivamente. Este é o tipo de pensamento que se desenvolve na adolescência.

O rendimento independe de nível intelectual no sentido de que sendo este normal ou superior, não garante, por si só, uma boa produção.

Na escola é freqüente apresentar crianças com problemas de escolaridade que não se relacionam com deficiência mental. O próprio professor afirma, em geral, não entender porque esta ou aquela criança não aprende se em outras situações revelou possuir bom potencial.

O desenvolvimento mental depende do desenvolvimento do sistema nervoso central e das influências ambientais. Portanto, há fatores físicos e sociais que podem retardar ou moderar o desenvolvimento, como deficiências ou disfunções endócrinas, meningite espinal, encefalite letárgica, sífilis, falta de contatos sociais, de escola, entre outros.

A aprendizagem escolar não é mais que uma parte no conjunto das aprendizagens que o adolescente se vê obrigado a realizar e, como sua energia é uma e indivisível, isso significa que quanto mais a aplique a qualquer delas menos será capaz de progredir nas demais.

Ajustamento social

Ao nascimento, o mundo se apresenta confuso para a criança. Ela apenas percebe quadros não identificáveis. A primeira figura distinta é a mãe. A sua primeira reação social é a resposta em forma de sorriso por volta do segundo mês, assim como os balbucios. Entre o terceiro e quarto mês, o bebê apresenta descontentamento com a solidão. Aos seis meses, começa a distinguir entre conhecidos e estranhos e já gosta de brincadeiras. Aos sete meses, conhece a mímica do adulto e procura chamar a sua atenção e, aos oito meses, aprende a conduta do beijo. Durante todo o primeiro ano de vida, o adulto domina a atenção da criança. Piaget, (1975, p. 76).

Segundo Libâneo, até os 08 anos, as crianças não apresentam distinção do sexo em suas amizades e brincadeiras. Depois dessa época, aparece a segregação que vai continuar até aparecer à atração heterossexual, na adolescência. (1993, p. 11).

Nos grupos, as crianças exercem papéis diferentes e percebe-se a existência de diversos tipos de liderança.

As crianças pequenas estão sempre em conflitos e os meninos competem e brigam mais que as meninas. Também as crianças de classe inferior apresentam-se mais competitivas.

“A escola é um excelente agente socializador e em lugar altamente socializado, onde as oportunidades de contatos dos jovens entre si e com os adultos são freqüentes. É importante desenvolver, junto com o currículo, atividades sociais que

permitam aos estudantes satisfazer suas necessidades, sem quebra das normas morais existentes.” Libâneo (1993, p.11).

Equilíbrio emocional

As primeiras manifestações de emoção e afeto são transmitidas à criança ainda na sua vida intra-uterina, através da atitude materna de aceitação ou rejeição. Após o nascimento, pelos cuidados que deve dispensar ao bebê, a mãe torna-se figura destacada. O contato com o mundo inicia-se através dela. Nesta relação, na satisfação das necessidades da criança, a mãe transmite suas próprias emoções e sentimentos. E para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. É nesta troca que o fenômeno emocional se desenrola.

Aos poucos, o contato da criança amplia-se, e é na família que sua personalidade se delinea. Portanto, o desenvolvimento emocional vem a ser o reflexo das personalidades com quem viveu sendo o seu comportamento consequência delas.

Levada à escola, repete suas vivências anteriores, procurando expandir, através do professor, seu próprio mundo. É desta nova relação que dependerá a continuidade de seu equilíbrio.

O professor, na sua responsabilidade e no conhecimento da importância da sua atuação, pode produzir modificações no comportamento infantil transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta o seu relacionamento com a criança levando-a a vencer suas dificuldades.

À medida que o professor lida com a criança, exprime também suas próprias tendências. É na compreensão de seu papel, com coragem e humildade, que conseguirá avaliar o significado de sua conduta evoluindo para uma atitude sadia de aceitação de si mesmo.

Na escola, nem sempre é dada a devida atenção ao desenvolvimento emocional, porque a preocupação principal dos professores é o cumprimento do programa estabelecido para a sua disciplina. De qualquer forma cabe a cada mestre: orientar o adolescente para dominar suas emoções e sentimentos considerados como inferiores (ira, raiva, ciúme, ódio, desejo de vingança); e entender que o estado afetivo do educando é fator importante no processo da aprendizagem. As emoções intensas prejudicam a aprendizagem. O medo, por exemplo, é sempre maléfico. O indivíduo com medo tem dificuldade em organizar suas respostas frente a uma situação. Saviani (1987, p.26)

2.1.2 Fatores Fundamentais que devem ser Levados em Consideração

Para a leitura e integração da experiência é fundamental a integridade anatômica e de funcionamento dos órgãos diretamente comprometidos com a manipulação do entorno, bem como dos dispositivos que garantem sua coordenação no sistema nervoso central. Paín (1992, p 29).

- **Fatores orgânicos:** Sistema nervoso, alimentação inadequada, saúde física.
- **Fatores específicos:** alteração da seqüência percebida, impossibilidades de construir imagens, análise e síntese dos símbolos.
- **Fatores psicógenos:** Inibição, fantasias, ansiedades, angústias, inadequação à realidade, sentimentos de rejeição.
- **Fatores ambientais:** o tipo de ambiente, moradia, bairro, escola, acesso aos lugares de lazer e esporte, os meios de comunicação: jornais, rádio e tv. Este fator é determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem.

Na criança, diferentemente do que ocorre no adulto, quando se produz um dano em certas estruturas orgânicas que sustentam a aquisição da linguagem, não só se vê alterada ou suprimida uma função já estabelecida, mas, além disso, fica também comprometida a continuidade de atividades futuras, mesmo aquelas ainda por desenvolver-se.

A linguagem não é em si um objeto, nem uma forma opaca de conhecimento. Os elementos significativos do ponto de vista evolutivo que o bebê precisa aprender sobre a linguagem falada estão escritos nos rostos, nas vozes e nos gestos daqueles que falam.

Os comportamentos mais comuns das crianças com problemas de aprendizagem são mostrados na revista *Veja* (Ed. Nº1963 de março de 2003, p.35).

- Elas resistem em ir à escola e fazerem os deveres de casa.
- Tendem a ficar tensas e irritadas ao fazerem à lição.
- Têm pavor de lerem em voz alta.
- Reclamam que ler e escrever é mais fácil para os coleguinhas.
- São dispersas em sala de aula.
- Não demonstram interesse em aprender.
- Ficam tristes e apáticas sem motivo aparente (choram com facilidade ou se recusam a brincar).
- Esforçam-se tanto para ler que no final do texto não entendem o que acabaram de ler.
- Tentam, irracionalmente, identificar o sentido de uma palavra.

Cabe aos pais e à escola a busca que levam uma criança a ter dificuldades de leitura e escrita. A Psicopedagoga Weiss diz que “cerca de 80% dos alunos que chegam ao consultório com problemas de aprendizagem, essas dificuldades foram construídas ao longo da vida escolar”. (1971, p.159).

2.2 Dificuldades no Processo de Aprendizagem

A leitura e a escrita são duas habilidades complexas e imprescindíveis para aquisição para as demais habilidades escolares como a de calcular e de contemplar os saberes acumulados historicamente na civilização do conhecimento.

A interação entre o mestre e o estudante é essencial para a aprendizagem, e o mestre consegue essa sintonia, levando em consideração o conhecimento das crianças, fruto de seu meio. Freinet (2002, p.26).

Muitos dos problemas enfrentados na escola, entre eles a indisciplina e a dislexia provêm de várias situações sócio-afetivas não resolvidas no decorrer dos anos. É uma série de sentimentos que vivenciam no meio e que se refletem na aprendizagem, às vezes, positivamente e, às vezes, negativamente.

A dificuldade de aprendizagem é um tema que deve ser estudado levando-se em conta todas as esferas em que o indivíduo participa (família, escola, sociedade, entre outros) Sabe-se que nunca há uma causa única para o fracasso escolar e que também um aluno com dificuldade de aprendizagem não é um aluno que tem deficiência mental ou distúrbios relativos, na verdade, existem aspectos fundamentais que precisam ser trabalhados para obter-se um melhor rendimento em todos os níveis de aprendizagem e conhecimento. Quando falamos de aprendizagem e conhecimento não estamos nos referindo somente a conteúdos disciplinares, mas também a conhecimento e desenvolvimento vital que são tão importantes quanto. Correia e Martins 2005.

2.3 Dificuldades Específica de Aprendizagem

Existem termos gregos para definir as dificuldades de aprendizagem, como: Disgrafia e Discalculia. Estas dificuldades são definidas, conforme abaixo: Braslavsky (1971, p.159).

2.3.1 Disgrafia

É uma alteração da escrita normalmente ligada a problemas perceptivos-motores.

- Algumas manifestações da escrita disgráfica.
- Traços pouco precisos e incontrolados.
- Falta de pressão com debilidade de traços.
- Ou traços demasiado fortes que vinquem o papel.
- Grafismos não diferenciados nem na forma nem no tamanho.
- A escrita desorganizada que se pode referir não só a irregularidades e falta de ritmo dos signos gráficos, mas também a globalidade do conjunto escrito.
- Realização incorreta de movimentos de base, especialmente em ligação com problemas de orientação espacial, entre outros.

Tarefas que envolvem coordenação de movimentos com direcionamento visual podem chegar a ser, até, extremamente complicadas. Dos simples movimentos para seguir uma linha e, destes, para o refinamento da motricidade fina, que envolve o traçado da letra e do número e de suas seqüências coordenadas, podem transformar-se em trabalho especialmente laborioso. Razão porque se torna extremamente difícil para o disléxico aprender a escrever pela observação da seqüência de movimentos ensinados pelo professor.

Dificuldades também surgem na construção com blocos, no encaixe de quebra-cabeças, ao desenhar, ao tentar estabelecer valor e direcionamento ao movimento dos ponteiros do relógio na Leitura das horas.

A escrita, para o disgráfico, pode tornar-se uma tarefa muito difícil e exaustiva, extremamente laboriosa e cansativa, podendo trazer os mais sérios reflexos para o desenvolvimento do ego dessa criança, desse jovem, a falta de entendimento, de diagnóstico e do imprescindível e adequado suporte psicopedagógico.

2.3.2 Discalculia

É uma dificuldade específica na aritmética, e que se manifesta como uma limitação da criança ao realizar operações matemáticas, classificar números e colocá-los na seqüência correta. Em crianças maiores, ela também impede a compreensão dos conceitos matemáticos e a sua incorporação na vida cotidiana. Algumas manifestações podem ser consideradas de distúrbios quantitativos, como:

- Seqüências lógicas das operações matemáticas.
- Insucesso ao enumerar.
- Leitura e escrita incorreta.
- Problemas em nomear quantidades.
- Contar sem sentido.
- Não compreender princípios de medida.
- Não compreender mapas e gráficos.

Na Discalculia, embora reconheça os números, o aluno que tem o distúrbio não consegue estabelecer relações entre eles, montar operações e identificar corretamente os sinais matemáticos. Geralmente, ela aparece associada a outros distúrbios como o transtorno do déficit de atenção, que se reconhece pela dificuldade de concentração e organização. Ela também pode vir associada à Dislexia (dificuldade com o aprendizado da leitura e da escrita).

A Discalculia ocorre em razão de uma falha na formação dos circuitos neurais, ou seja, na rede por onde passam os impulsos nervosos. No

entanto, a Discalculia, assim como outros distúrbios de aprendizagem, não é considerada uma doença. Trata-se, de uma dificuldade que pode ser contornada com acompanhamento adequado, direcionado às condições de cada caso.

2.4 Entendendo a Dislexia

Dis – Dificuldade

Lexia – Leitura

Dislexia: dificuldades específicas de leitura e escrita; é uma falta de habilidade na linguagem que se reflete na leitura.

Queiroz citado por Aires, conceitua a dislexia como uma “perturbação perceptivo-cognitiva que dificulta a aquisição da leitura e escrita com elementos característicos”. (2002, p.13).

A Dislexia é uma das mais comuns deficiências de aprendizado. Segundo pesquisas realizadas, 20% de todas as crianças sofrem de Dislexia, o que faz com que elas tenham grande dificuldade ao aprender a ler, escrever e soletrar. Pessoas disléxicas e que nunca se trataram, lêem com dificuldade, pois é difícil para elas assimilarem palavras. Disléxicos também geralmente soletram muito mal. Isto não quer dizer que crianças disléxicas são menos inteligentes; aliás, muitas delas apresentam um grau de inteligência normal ou até superior ao da maioria da população.

Há também uma definição recente de Micklebust: “É uma desordem de linguagem que impede a aquisição de sentido através das palavras escritas, por causa de um déficit na habilidade de simbolização. As limitações na linguagem escrita são demonstradas por uma discrepância entre a aquisição real e a esperada. Não atribuídas a impedimentos motores, sensoriais,

intelectuais ou emocionais, nem ensino inadequado ou falta de oportunidade”.
Ângela nico (2002,p.23).

O primeiro relato feito na Inglaterra foi por um cirurgião oftalmologista escocês, Dr. James Henshelwood, em 1895, que denominou a condição de cegueira da palavra, com uma dissertação. Em 1896, o Dr. Pringle Morgan descreveu um garoto de 14 anos com dificuldades de leitura, mas que saía muito bem se as avaliações fossem orais.

Por uma boa parte do séc. xx o interesse nesse assunto foi amplamente discutido e pesquisado, assim, em 1925, o neurologista Dr. Samuel T. Orton propôs a primeira teoria para o surgimento da dificuldade de leitura. Para ele, o desenvolvimento está relacionado com um lado do cérebro e junto com Ana Gillingnan desenvolveu uma série de estratégias de ensino (muito usado até os dias atuais).

Anne Van Hout e Françoise Etienne, (2001) consideram que a Dislexia, ou mais exatamente as dislexias, são um conjunto de déficits cognitivos que têm sua origem na alteração cerebral que afeta uma ou mais funções que participam do processamento da leitura.

A herança ou parentesco são fatores que podem ser determinantes da origem da Dislexia. A herança está intimamente ligada ao fator ambiente, é tanto que, a existência de um familiar próximo, que apresente ou tenha problemas na linguagem escrita ou na leitura, pode inferir no aparecimento do distúrbio na criança. Uma criança, que vive em ambiente estimulante, pode evoluir e superar esta dificuldade, como também o ambiente não estimulante pode ocasionar o inverso. As condições da gestação e parto, ou seja, a prematuridade ou imaturidade no momento do nascimento poderão ser causa do distúrbio, principalmente se a recuperação é problemática.

“Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de linguagem, de origem constitucional, caracterizada por dificuldade em decodificar palavras

simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade apesar da instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sócio-cultural e sem distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem, freqüentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar.” (ABD, 2000, p.12).

Pode-se dizer que a Dislexia é um problema no aprendizado da leitura, produto de uma disfunção cerebral mínima, presente em crianças cuja capacidade intelectual é normal e não apresentam outros problemas físicos ou psicológicos que poderiam explicar essas dificuldades. Segundo algumas estatísticas a Dislexia afeta, em maior ou menor grau, de 10% a 15% da população em geral. Afeta mais os meninos que as meninas. Segundo Nestor Pardo (1998, p. 22).

2.5 Características de um Quadro de Dislexia

O primeiro sinal de possível Dislexia pode ser detectado quando a criança, apesar de estudar numa boa escola, tem grande dificuldade em assimilar o que é ensinado pelo professor. Crianças cujo desenvolvimento educacional é retardatário podem ser bastante inteligentes, mas sofrer de Dislexia. O melhor procedimento a ser adotado é permitir que profissionais qualificados examinem a criança para averiguar se ela é disléxica. A Dislexia não é o único distúrbio que inibe o aprendizado, mas é o mais comum.

- Atraso no desenvolvimento da fala e linguagem.
- Confusão na pronúncia de palavras que se assemelham na sua forma sonora.
- Dificuldades no manejo dos termos relacionados com a orientação espacial e temporal.

- Maior habilidade para a manipulação de objetos que para sua representação lingüística.
- Dificuldade para aprender rimas e seqüências.
- Marcada dificuldade na associação fonema - grafema.
- Tendência a escrever números e letras em espelho ou em direção inadequada.
- Falhas em atenção e concentração.
- Possíveis problemas de conduta.
- Dificuldades na organização do discurso e compreensão da leitura.
- Problemas emocionais decorrentes do fracasso escolar.

2.6 A Importância do Diagnóstico

O diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar. Não somente para se obter o diagnóstico de Dislexia, mas para se determinarem, ou eliminarem, fatores coexistentes de importância para o tratamento. A criança deve então ser avaliada por um psicólogo, um fonoaudiólogo, um psicopedagogo e um neurologista. O diagnóstico deve ser significativo para os pais e educadores, assim como para a criança. Simplesmente encontrar um rótulo não deve ser o objetivo da avaliação, mas estabelecer um prognóstico e encontrar elementos significativos para o programa de intervenção.

De acordo com Ângela Nico, é de grande importância que sejam obtidas informações sobre o potencial da criança, bem como sobre suas características psiconeurológicas, sua performance e o repertório já adquirido. Informações sobre métodos de ensino pelo qual a criança foi submetida também são de grande significação. (2002 p.27).

Em todos os diagnósticos o fato da criança não ter sido alfabetizada pelos processos comuns, ou um histórico familiar com distúrbios de aprendizagem, são importantes.

Um diagnóstico correto, feito no momento adequado, ou seja, logo que as dificuldades se fizerem presentes, presta um grande serviço tanto para a criança quanto para seus pais, uma vez que, frequentemente libera ambos da suspeita de deficiência intelectual. Suspeita essa que traumatiza a criança e pode paralisar os pais na busca de soluções adequadas.

Para se determinar se existem ou não outros fatores que possam estar comprometendo o processo de aprendizagem, ou mesmo com a Dislexia. Todos os profissionais envolvidos devem trocar informações para confirmar o distúrbio.

Informações como o desenvolvimento da criança, histórico familiar, desempenho escolar, métodos de ensino e repertório adquirido são de muita importância, por isso os pais e a escola também são fontes essenciais de informação. Essa troca de dados entre os profissionais será importante para se fazer o encaminhamento adequado. O diagnóstico deve esclarecer os pais, os professores e os profissionais que acompanham o caso, bem como o próprio disléxico. O objetivo não deve ser apenas encontrar um rótulo, mas tentar estabelecer um prognóstico e encontrar caminhos eficientes para o programa de reeducação.

2.7 Tipos de Dislexia

2.7.1 Pré-dislexia

Quadros de comportamentos irregulares da aprendizagem podem ser observados antes da criança ser solicitada para a aprendizagem escrita.

2.7.2 Dislexia-dislállica

Distúrbio da palavra falada, caracterizado pela troca de inversão de letras numa mesma sílaba ou de sílabas numa mesma palavra ou ainda em

palavras diferentes e próximas. Não é causado por imaturidade da linguagem, nem por alterações orais, faciais ou articulatórias.

Dislexia, antes de qualquer definição, é um jeito de ser e de aprender; reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente. Samuel Orton

Observa-se que constantemente os alunos sofrem com o insucesso escolar e quando isso acontece também fracassa o professor. A ordem, é fazer sempre progredir, dedicar-se mais, e reconhecer que o magistério é uma missão, às vezes árdua, mas prazerosa, às vezes sem recompensa financeira, mas que pouco a pouco é construído a consciência na sociedade, principalmente a política, de que a educação é o caminho mais seguro para o sucesso.

2.7.3 Como Lêem os Disléticos

Segundo Braslavsky (1971) os disléticos cometem:

- **Confusão de letras.** Quer consoantes e letras parecidas (M e N ou J. G. Y. Z); quer entre consoantes e letras de orientações simétricas (B, P, D, M, W, N, U); quer entre letras que representem sons vizinhos (B, P, D, T).
- **Inversão de letras.** A criança lê (ra, ro, as, co, po) onde está escrito (ar, or, as, oc, op). E ainda mais digno de nota quando lê (tri, tra, pli, pla) onde está escrito (ter, tar, pil, pal).
- **Suspensão de sílabas.** Lê monha por montanha.
- **Acréscimo de letras.** Lê bombina por bobina.

- **Combinação de vários erros.** Lê corodilo onde está escrito crocodilo.

Contudo, os disléxicos que têm problemas com a leitura ou com a ortografia, podem apresentar uma compreensão de linguagem falada boa para a idade. Existem ainda as crianças hiperléxica, ou seja, aquelas que na leitura são boas, mas que mostram uma fraca compreensão daquilo que estão lendo.

2.7.4 Dislalia

Andréa Mafra, diz que “Consiste na má articulação das palavras, seja omitindo, acrescentando, trocando ou ainda distorcendo os fonemas. A falha na articulação das palavras pode ocorrer nos fonemas ou nas sílabas”.

João Pena Casanova, afirma que “A Dislalia consiste na presença de erros na articulação dos sons da fala, em pessoas que apresentam patologia não comprometida pelo Sistema Nervoso Central. É a omissão, substituição, distorção ou acréscimo de sons na palavra falada”.

Solange Issler aborda que, dificuldade na fala, é um atraso de linguagem, com acentuado comprometimento articulatorio.

A Dislalia é uma perturbação da fala caracterizada por hesitação repetitiva, demora na emissão das palavras ou prolongamento anormal dos sons. Troca, omissões ou acréscimos de fonemas na fala. Exemplo: A criança que fala "Tapo" ao invés de "Sapo".

- **A Dislalia classifica-se em**

- **Dislalias fonológicas.** Os mecanismos de conceitualização dos sons e as relações entre significantes e significados estão afetados, os sons não se organizam em sistemas e não existe uma forma apropriada de usá-los em um contexto.

- **Dislalias fonéticas.** Determinadas por processos fisiológicos, de realização articulatória com traços característicos de incoordenação motora e/ou insensibilidade orgânica.

- **Dislalia Funcional.** Transtorno da articulação dos fonemas por alterações funcionais dos órgãos periféricos da fala.

Alteração da palavra falada por: omissão, modificação, acréscimo ou substituição dos sons sem que haja lesão neurológica, mas simplesmente alteração do mecanismo desses sons.

- **Dislalia Orgânica (Disglossia).** Transtorno da articulação dos fonemas, por alterações orgânicas (ou anatômicas), dos órgãos periféricos da fala.

- **Dislalia Audiógena.** Provém da audição deficiente (hipoacusia).

É fundamental que haja uma boa audição para que a fala evolua num processo natural de aprendizagem; quando isso não ocorre há dificuldade na aprendizagem escolar, observando atraso de fala, de linguagem e comportamento social alterado.

• **A dislalia pode ser causada por.**

- ambiente familiar inadequado;
- imitação;
- falta de estímulos;
- hereditariedade;
- bilingüismo;
- dificuldades no desenvolvimento auditivo;
- atraso no desenvolvimento motor;
- atraso de maturação neurológica.

No aspecto funcional da fala influi o equilíbrio da musculatura orofacial, a sensibilidade da região articulatória e a percepção auditiva.
Exemplos:

Bola - /Pola

Porta - /Poita

Preto - /Peto

O tratamento consiste em diagnosticar o tipo de dislalia e traçar um plano terapêutico adequado a fim de dar condições para a produção correta dos sons da fala.

3. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, A LEITURA E A ESCRITA

Historicamente, para Núñez Pérez e González-Pumariega (1998), até o final dos anos 60 e princípio dos anos 70, as investigações em torno do campo dos transtornos de aprendizagem se centraram fundamentalmente no estudo dos aspectos cognitivos (como, por exemplo, atenção, percepção e memória) que podiam conduzir os estudantes a terem problemas para a realização de suas tarefas escolares. No entanto, pouco a pouco, foram surgindo idéias para considerar o que pensam os alunos quando enfrentam essas tarefas, o significado e sentimento que lhes atribuem como elementos que podem contribuir para uma melhor compreensão de como enfrentam as atividades escolares.

Dessa forma, novas pesquisas começaram a ser realizadas, surgindo diferentes estudos sobre os aspectos psicológicos envolvidos nas dificuldades de aprendizagem. A ansiedade pode ser incluída nesses aspectos psicológicos como um afeto de importância para o estudo de sua relação com os problemas de aprendizagem da leitura e da escrita. Neste estudo, almeja-se alcançar uma melhor compreensão sobre essa relação, não se referindo às crianças que possuem perturbações emocionais muito sérias em termos patológicos.

Este capítulo está estruturado em três grandes tópicos, que abrangem as dificuldades de aprendizagem, a leitura, e a escrita, para que se possa compreender melhor o significado de cada um desses conceitos.

3.1 Concepções Acerca das Dificuldades de Aprendizagem

Piaget afirmou que, mesmo para as aprendizagens mais elementares, toda informação adquirida desde o exterior é sempre em função de um marco ou esquema interno mais ou menos estruturado (Paín, 1985). É necessário um entendimento da aprendizagem em sua dimensão mais ampla, englobando, principalmente, as respostas afetivas das crianças (McLeod, 1989).

Para Piaget, o que coordena todo o processo de desenvolvimento cognitivo é o processo de equilibração majorante, consubstanciado em um sistema de auto-regulação, que produz as organizações estruturais necessárias para evitar a entropia do sistema, e ao mesmo tempo, dar-lhe uma direção. Sisto (1997) menciona que Piaget não nega que o fenômeno aprendizagem, responsável por mudanças no sistema cognitivo, possa possuir esse sistema de auto-regulação que, ao mesmo tempo, permite e limita avanços, e que essas organizações teriam um funcionamento lógico-matemático, caracterizado por leis de compensação.

Consoante aos trabalhos de Piaget, (1975) entende-se, que no sistema cognitivo, estariam funcionando integradamente diferentes níveis de desenvolvimento, envolvendo as diferentes áreas de relação do ser cognoscente com o ambiente exógeno, caracterizando um sistema não-linear e assimétrico. O desenvolvimento teria também como função impor um sistema estrutural de funcionamento ao organismo e suas mudanças durante o seu crescimento (Sisto, 1997 p. 57).

Coll (1996) considera importante o estudo dos processos de mudança comportamental provocado ou induzido nas pessoas, como resultado de sua participação em atividades educativas, que consistem na análise dos processos de mudança que os participantes experimentam no ato educativo, de sua natureza e características, dos fatores que os facilitam, obstaculizam ou os impossibilitam da direção que tomam e dos resultados a que chegam.

Quanto às perturbações referentes à aprendizagem, Paín (1985) considera o problema da aprendizagem, por um lado, como um sintoma, no

sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, em que se destaca como sinal de descompensação, sem determinantes orgânicos (na interação entre o indivíduo e seu meio, o primeiro sofre exigências externas que solicitam elaborações internas). Por outro lado, tal problema também pode ser resultante de uma disfunção intelectual, intrínseca ao indivíduo, presumivelmente envolvendo uma alteração do sistema nervoso central, podendo ou não vir acompanhada de outras condições ou influências.

Do ponto de vista teórico de Almeida et al. (1993), é sabido que a conceituação e a diferenciação entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem têm causado polêmica, não havendo consenso entre os diferentes autores quanto à sua etiologia.

Moysés e Collares (1992) apontam os distúrbios ou as dificuldades de aprendizagem como implicados em alterações biológicas, orgânicas, individuais, envolvendo uma disfunção neurológica.

É necessário que se faça uma distinção entre os dois termos e acredita-se que as dificuldades de aprendizagem, apesar de se manifestarem no sujeito que aprende, não têm sua origem apenas nas características pessoais do aluno, envolvendo também fatores relacionados ao núcleo familiar, à escola e ao meio social. Dessa forma, os distúrbios referir-se-iam a alterações ou perturbações na aquisição do conhecimento, cujas explicações encontrariam respostas na clínica e nos discursos médicos, uma vez que o problema seria visto como uma entidade nosológica, como uma “doença” ou uma “disfunção” (Almeida et al., 1995).

García Sánchez (1998) cita que as dificuldades de aprendizagem afetam crianças, jovens e adultos e não constituem um único problema, mas um conglomerado de problemas heterogêneos de dificuldades não acadêmicas com uma base principal na linguagem (processos fonológicos, morfológicos, processamento verbal na memória, processos visuais e auditivos, etc.), e

dificuldades acadêmicas na leitura, na escrita, no soletrar e na matemática. Menciona que essa condição é diferente do baixo rendimento produzido por outras causas como por fatores ambientais; déficits sensoriais ou motores; dificuldades de atenção no controle dos impulsos ou hiperatividade; falta de motivação para aprender e outros transtornos do desenvolvimento.

Comentam que para que possa ser identificada uma dificuldade de aprendizagem é necessário considerar uma avaliação, pois a partir de seus resultados pode ser planejada a aplicação de um programa de intervenção. Qualquer avaliação ou intervenção com uma criança com problemas de aprendizagem implica necessariamente algumas hipóteses acerca da origem deles e para que as avaliações sejam fiéis e válidas, o profissional deve conhecer o conjunto das variáveis que podem intervir na atuação infantil em tarefas específicas.

3.1.1 Entendendo as Dificuldades de Aprendizagem

Dockrell e McShane (1997) explicam que, para o entendimento das dificuldades de aprendizagem, devem-se compreender três aspectos que englobam a tarefa, a criança e o ambiente e a análise de cada um deles tem algo a contribuir para o tratamento das dificuldades de aprendizagem. Também são importantes que sejam inseridos os métodos que avaliam as habilidades cognitivas, assim como outros atributos psicológicos relevantes.

Remetendo-se um pouco mais à influência do ambiente, principalmente, porque, neste estudo, a variável ansiedade é também tratada como estado, ou seja, dependente de uma dada circunstância ambiental, o nível de ansiedade-estado do aluno pode interferir positivamente ou negativamente sobre a aprendizagem. Considera-se que o professor possa auxiliar os seus alunos em tarefas educacionais, principalmente, aqueles em que a ansiedade tem influência, produzindo o baixo rendimento.

No que se refere ao ambiente, ele representa o contexto externo no qual é manifestada a dificuldade infantil; é onde há a interação criança e tarefa. Compreender o papel do ambiente pode ser muito importante na relação com as dificuldades de aprendizagem, pois as crianças que as têm, podem ser mais dependentes do ambiente do que as que não as apresentam, já que estas podem ser mais fortes para combaterem as situações ambientais que podem ter um sério efeito nas crianças que apresentam um baixo rendimento. Compreender o ambiente é importante em dois sentidos: ele pode, em alguns casos, ser um fator importante que contribua para os problemas das crianças; e também, pode não contribuir para a dificuldade, sendo possível, às vezes, modificá-lo para que seja facilitada a aquisição da habilidade de que a criança necessita.

Ajuriaguerra (1980) também aborda que as dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas a deficiências escolares. A propósito dessas relações entre Psicanálise e Educação, visando à diminuição dos problemas de aprendizagem relacionados à ansiedade, os professores não deveriam ter apenas informações acerca da técnica de ensino, mas também, uma formação relativa ao desenvolvimento da criança sob o ponto de vista da afetividade.

As recentes pesquisas sobre o pensamento do professor e o processo de alfabetização têm fornecido informações e novos conhecimentos tanto sobre o papel e a atuação dos professores, quanto sobre o processo de ensino-aprendizagem (Teberosky e Cardoso, 1991, p.61).

Talvez a maioria das dificuldades de aprendizagem sejam resultado de problemas educativos ou ambientais que não estão relacionados às habilidades cognitivas da criança. Para Assis (1990), a conduta dos professores em sala de aula também é um dos fatores que contribui de forma diferente e interrelacionada para a configuração do desempenho escolar de

uma criança, mas, dificilmente, pode ser especificado o quanto dessa influência e pouco se tem de conhecimento sobre ela.

A partir de toda essa situação, os autores dizem que parece impossível distinguir as crianças cujas dificuldades surgem de fatores extracurriculares, da ordem da patologia individual (disfunções instrumentais, problemas de relacionamento), daquelas cujos problemas são criados ou acentuados pelo sistema escolar e pela defasagem existente entre esse sistema e o que configura a vida da criança. Parece igualmente impossível limitar-se a uma formulação dos problemas que, considerando primeiramente todas as dificuldades de aprendizagem da língua escrita como patológicas, só levasse em conta os fatores de ordem individual, sem analisar também a realidade escolar e social que as determina maciçamente. (Núñez Pérez e González-Pumariega, 1998, p. 48).

Assim sendo, a tarefa, a criança e o ambiente constituem elementos importantíssimos na conceituação das dificuldades de aprendizagem.

3.2 Dificuldades de Aprendizagem e Ansiedade

As dificuldades de aprendizagem e os problemas na alfabetização continuarão existindo; mas, é possível e importante compreender as dificuldades para poder reduzir o impacto delas na vida das crianças.

González Cabanach e Valle Arias (1998) identificaram que crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem têm uma imagem de si mesmas e uma auto-estima significativamente mais negativas, especialmente a respeito das diferentes áreas acadêmicas e, também, na área das relações sociais; atribuindo, de preferência, seus fracassos a causas internas (fatores intrapessoais) e não externas, responsabilizando-se menos pelos seus êxitos;

e encontrando-se menos motivadas tanto intrínsecas (melhorar e ser mais competente) quanto extrinsecamente (conseguir aprovação social).

Tal fato é bastante insatisfatório, porque alunos com problemas de aprendizagem, que atribuem fracasso escolar a fatores externos, por exemplo, podem estar funcionando de uma maneira mais adaptativa do que alunos que, na mesma condição, acreditam que fracassaram devido à falta de inteligência. Atribuições a causas externas, por serem passíveis de mudança, podem aumentar-lhes as expectativas de sucesso (Boruchovith, 1994).

Então, parece que, se os professores soubessem lidar com os fatores emocionais, os alunos entrariam em contato com essas vias de satisfação, tendo como conseqüência uma diminuição dos problemas de aprendizagem.

Para Coll (1996), a aplicação coerente dos princípios psicológicos pode ser altamente benéfica para a educação e o ensino, configurando uma espécie de seleção dos princípios e explicações proporcionados por outras parcelas da Psicologia (Psicologia da aprendizagem; do desenvolvimento; das diferenças individuais; da motivação, entre outros). A Psicologia, para Martinelli (1998), tem sido a maior aliada da educação.

Aprender requer, por parte do aluno, a interação e algumas condições: que ele seja cognitivamente capaz para enfrentar as tarefas de aprendizagem e que se encontre emocionalmente orientado para tal aprendizagem (Núñez e González-Pumariega, 1996 apud Núñez Pérez e González-Pumariega, 1998).

A Psicologia da Educação e a Pedagogia, aliadas às teorias psicológicas dos problemas afetivos, têm muito a contribuir como referenciais teóricos.

Deve-se considerar que os trabalhos atuais de Psicologia Genética e Psicanalíticos demonstram que, na etapa de alfabetização, produzem-se mudanças importantes em todos os aspectos do desenvolvimento psicológico. A criança se encontra em uma fase na qual não existe estabilidade, e a ação educativa deveria respeitar tal característica do desenvolvimento psicológico e manter a maior continuidade possível durante todo esse período de grande fragilidade psicológica (Stambak, Vial, Diatkine, Plaisance e Beauvais, 1984).

Podem-se compreender melhor as dificuldades de aprendizagem, se refletir sobre as diversas variáveis psicológicas, tais como a inteligência; variáveis da 24 personalidade e psicossociais; a interação pessoa-situação; a ansiedade; a motivação de realização de êxitos e as habilidades de afrontamento e socialização (Nicasio García, 1998).

Procura-se analisar, nesta pesquisa, se tal fator afetivo, ou seja, a ansiedade pode favorecer ou prejudicar o desempenho escolar. Existindo o prejuízo, pretende-se refletir sua causa: o aluno (ansiedade-traço) e/ou o ambiente escolar que também propicia o surgimento do mencionado afeto (ansiedade-estado).

É importante ressaltar que as causas para o não aprendido não se esgotam nas que foram expostas neste texto e que o desempenho escolar não pode ser reduzido somente ao constructo psicológico em questão. Acredita-se que a compreensão sobre a influência da ansiedade, que é tão flagrante na atualidade, possa auxiliar as crianças que apresentam baixo rendimento escolar, minimizando as suas dificuldades na leitura e na escrita.

Finalizando, é difícil saber se tal perturbação emocional é causa ou conseqüência da incapacidade de integrar leitura e escrita.

3.3 A Leitura

Aprender sistemas complexos, como é o caso da aprendizagem da leitura e da escrita, envolve a memorização dos símbolos básicos e seu significado (a letra *a* representa um determinado som) e a compreensão do próprio sistema simbólico, de modo tal que o sujeito possa gerar qualquer elemento do sistema, ainda que nunca tenha encontrado aquele elemento específico (ler ou escrever palavras novas, ainda não-aprendidas) Carraher e Schliemann. (1983).

Barone (1997) comenta que, de maneira geral, considera-se o processo de alfabetização apenas dentro de um ponto de vista pedagógico, como se essa importante aquisição dependesse somente de aspectos instrumentais e cognitivos. No entanto, ler é muito mais que decodificar uma escrita, ou mesmo, é mais que descobrir e reconstruir o sistema de representação da linguagem. Ler é engendrar sentido.

Talvez mais do que as outras dificuldades de aprendizagem específicas, as dificuldades na leitura obstaculizam o progresso educativo em várias áreas, já que a leitura é uma via de acesso a uma ampla diversidade de informações (Dockrell e McShane, 1997).

3.3.1 O Processo de Leitura

Em uma pesquisa realizada por Elkind (1969), utilizando a teoria de Piaget sobre a percepção e a dificuldade da leitura, concluiu ter encontrado duas atividades perceptuais, a esquematização perceptual e a reorganização, que foram descritas como componentes essenciais para o processo de leitura.

De acordo com Ajuriaguerra (1980), a criança começa a ler quando atinge certo grau de maturidade; a fase da leitura sobrevém após as fases de organização oral, expressiva e compreensiva. A leitura é uma nova forma de compreensão verbal. O conhecimento das letras parece mais próximo do aprendizado perceptivo de dados novos e abstratos; o conhecimento das

palavras está mais perto do plano das significações lingüísticas, mas a leitura de uma frase implica já uma exploração de conjunto, de idas e voltas com uma recomposição dos diferentes fragmentos.

3.3.2 Dificuldades na Leitura

As dificuldades em leitura implicam normalmente uma falha no reconhecimento e na compreensão do material escrito, sendo que o primeiro é o mais básico de todos os processos, pois o reconhecimento de uma palavra é anterior à compreensão dela, e assim, esse transtorno manifesta-se por uma leitura oral lenta, com omissões, distorções e substituições de palavras, com interrupções, correções e bloqueios (Dockrell e McShane, 1997 e Nicasio García, 1998).

No entanto, há crianças que têm, apenas, problemas nas operações relacionadas ao reconhecimento das palavras, e podem compreender uma explicação oral (nomeados por disléxicos). Também existe um outro grupo de crianças que lêem bem as palavras, mas possuem sérias dificuldades para compreender o que lêem (alunos com dificuldades na compreensão). O caso extremo desse problema constituiria os sujeitos hiperléxicos que são os alunos que lêem mal as palavras e têm problemas tanto na compreensão oral, quanto na escrita (Sánchez Miguel e Martínez Martín, 1998).

Ajuriaguerra et al. (1984) diz que esses tipos de perturbação em questão também são descritos com diversas denominações: “dislexia específica”, “dislexia de evolução” e, inclusive, com a antiga terminologia “cegueira verbal congênita”. No entanto, o termo é aplicado indiscriminadamente a qualquer criança que apresente dificuldades de aprendizagem, mesmo que se encontre submerso ao conjunto de outras dificuldades.

Parece que há a existência de um grave problema para se chegar à conclusão do diagnóstico diferencial.

3.4 A Escrita

O saber ler e escrever tornou-se uma capacidade indispensável para que o indivíduo se adapte e se integre ao meio social. O homem sempre teve necessidade de se comunicar graficamente desde tempos mais remotos (Oliveira, 1992).

O prazer de aprender inclui o de sentir-se membro de uma classe da escola que, em torno do professor, funciona como um grupo social com vida e história singulares, centradas na aventura da apropriação criativa do sistema de leitura e escrita (Grossi, 1985).

A alfabetização envolve dois tipos de aquisição no domínio cognitivo: a compreensão do sistema alfabético de representação (dependente de fatores cognitivos mais complexos) e a aprendizagem das convenções da escrita (dependente de habilidades de percepção e memória) (Carraher e Rego, 1984).

Escoriza Nieto (1998) aponta que o interesse em explicar os processos cognitivos relativos à atividade da escrita e ao processo de composição é recente (final da década dos anos 70 e começo dos anos 80).

Buscou-se, nesse trabalho, analisar o estudo da escrita a partir dos processos de sua composição, das dificuldades existentes nela, e de sua relação com a ansiedade.

3.4.1 Dificuldades na Escrita

Quando Escoriza Nieto (1998) aborda as dificuldades no processo da escrita, menciona que, entre os diversos modelos explicativos das dificuldades de aprendizagem e das definições elaboradas, as causas de tais dificuldades podem ser entendidas como resultantes na criança (critério intrínseco). Reduzir a interpretação das dificuldades de aprendizagem a causas intrínsecas supõe orientar os processos de diagnóstico à análise das características da criança, em detrimento da análise de outras causas que podem ter uma maior potencialidade explicativa. Esse tipo de análise não engloba os fatores causais como de influência educativa e a sua interação, entre outros.

A análise da etiologia das dificuldades de aprendizagem deveria focalizar a interação funcional e simultânea das características e a natureza dos três componentes básicos dos processos de ensino-aprendizagem: a pessoa que aprende; o professor que guia o processo de aprendizagem do aluno e os conteúdos que constituem o objeto de ensino aprendizagem (situar as causas em um triângulo interativo constituído por aluno-professor conteúdos), ou considerar os processos de interação aluno-professor-conteúdo como a unidade de análise mais pertinente e relevante, referindo-se à explicação, diagnóstico e intervenção das dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Escoriza Nieto (1998), para que as dificuldades de aprendizagem possam ser analisadas, devem ser entendidos, não como atribuíveis às características específicas (biológicas e cognitivas), e sim como conhecimentos cuja internalização pode exigir, em determinadas crianças, ajudas educativas diferenciadas, diversificadas e diagnosticadas nos processos de influência educativa.

3.5 Dificuldades na Escrita e Ansiedade

Para Kaplan e Sadock (1993), crianças que apresentam problema no desenvolvimento da escrita têm como característica recusa ou relutância em freqüentar a escola, fazer a lição de casa e desinteresse geral pelo trabalho escolar. Normalmente, ficam frustradas e irritadas devido aos sentimentos de inadequação e fracasso em seus desempenhos acadêmicos. O prognóstico depende da gravidade do transtorno, da idade, da série, mas também da ausência ou presença de problemas emocionais.

A ansiedade talvez se caracterize como um problema emocional que interfira no aprendizado da escrita, principalmente porque tal afeto se relaciona a uma grande confusão mental, o que pode influenciar a anteriormente mencionada representação gráfica de um determinado conteúdo.

4. DIFICULDADES VERSUS DISTÚRBIOS NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

De acordo com Bueno,

- **Dificuldade** é “obstáculo, impedimento, objeção. Pode ser definido como tropeços que acontecem no processo de aprendizagem”.
- **Distúrbio** é perturbação. “Inclui um número pequeno de crianças que não são especiais, mas, que apresentam dificuldades de aprendizagem”.

As dificuldades de aprendizagem variam de distúrbios emocionais a pequenos problemas de saúde. Cita-se como dificuldade, pequenos tropeços que acontecem no processo de aprendizagem, gerada, às vezes, por questões de metodologias, dificuldades na relação aluno x professor ou por problemas pessoais.

O distúrbio de aprendizagem inclui um grupo mais raro de crianças que não se encaixam na categoria de crianças excepcionais por possuírem inteligência normal e alto potencial de aprendizagem, mas que não conseguem aprender a ouvir, falar, ler, escrever, racionalizar. Para não perder tempo é preciso fazer algumas checagens acompanhadas de orientação profissional, a primeira é ver se a criança não apresenta distúrbios auditivos, anemias, falhas neurológicas ou até um quadro depressivo.

Veja o que Gonzáles diz sobre dificuldade de aprendizagem:

“Uma grande criança apresenta dificuldades de aprendizagem quando existem obstáculos ou impedimentos no processo normal de aprendizagem, podendo, tais dificuldades, serem inerentes à criança. As mesmas podem ter origem física ou psíquica, podem ser causadas por interação com o ambiente familiar, pelo sócio-econômico-cultural que rodeia ou pela forma em que os adultos lhe transmitem os conhecimentos, sem levar em consideração os processos mediante os quais as crianças têm acesso à aprendizagem.” (1998, p. 36).

4.1 Diferenças Entre Dificuldades e Distúrbios

Os problemas de aprendizagem referem-se às situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com um desvio do quadro normal, mas com expectativa de aprendizagem ao longo do tempo. Considera-se o problema de aprendizagem como um sintoma já que o “o não aprender”, não é um quadro permanente, cabendo ao educador a responsabilidade de, através de situações concretas envolvendo o próprio aluno com atividades motoras, preparar a criança antes de expô-la a qualquer atividade de leitura e escrita. Este processo de aprendizagem depende de uma complexa integração dos processadores neurológicos e de uma harmoniosa evolução das habilidades básicas, como coordenação visomotora, análise e síntese visual e auditiva.

A criança que apresenta distúrbios de aprendizagem não necessariamente é uma criança que tenha deficiência mental, problemas sensoriais, emocionais. Podem se classificar os distúrbios de aprendizagem em duas categorias:

- Distúrbio de aprendizagem acadêmica o qual se refere a uma inibição ou um bloqueio para a aquisição da leitura, escrita ou aritmética.

- Distúrbio de aprendizagem relativo ao desenvolvimento que são adquiridos das alterações que ocorrem no percurso do desenvolvimento das habilidades básicas.

4.2 Características dos Distúrbios de Leitura

As características, a seguir, podem ser encontradas em crianças que apresentem distúrbios de leitura. Essa classificação é segundo Johnson e Myklebust.

- **Memória.** Dificuldades auditiva e visual de reter informações, a criança é incapaz de recordar os sons das letras, juntar sons e formar palavras.
- **Orientação espaço-temporal.** Aqui ela não reconhece direita / esquerda, fica confusa e com tempo sente-se incapaz de conhecer até horas, dos dias entre outros.
- **Esquema Corporal.** Apresenta dificuldades para identificar as partes do corpo, não tem organização da postura corporal.
- **Motricidade.** Algumas crianças têm dificuldades secundárias de coordenação motora ampla e fina, o que atrapalha o seu equilíbrio.
- **Distúrbio topográfico.** É a dificuldade de compreender legendas, gráficos, maquetes.
- **Soletração.** Crianças incapazes de reorganizar auditivamente as letras, ou seja, têm dificuldades de soletrar.

CONCLUSÃO

A proposta pedagógica em questão entende que a educação é um espaço social. Agindo dentro da escola estar-se-á também agindo dentro da sociedade. Exercer o magistério com seriedade, competência e principalmente com compromisso é um dos caminhos férteis e seguros pelos quais age na sociedade e assim a transforma.

É preciso que o professor se conscientize de que cabe à escola grande responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar.

Fala-se da necessidade de educação infantil, da falta de recursos pedagógicos, assim a escola e os que a fazem sentem-se incapazes de atuar diretamente sobre as verdadeiras causas que determinam a problemática da alfabetização. O processo deve ser lento, delicado e, sobretudo, respeitando as características sócio-culturais e principalmente de acordo com o nível de maturação cognitiva da criança.

É preciso sobretudo que o professor perceba seu papel e sua função numa sociedade de grupos diversificados e que não fuja aos desafios de ajudar a construir uma escola adequada às crianças, seja as de camadas populares ou não, tentando adaptar os meios disponíveis às atividades curriculares e à capacidade de assimilação do corpo discente.

Cabe à escola, formalmente, estabelecer relações entre leitura e indivíduo, ou melhor, entre a leitura e escrita e a criança aprofundando os níveis de desempenho.

O mundo da leitura tem muitas facetas. Lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas; lê-se para saber mais sobre o universo factual; Lê-se em busca de diversão e descontração e, por meio da literatura de ficção e de poesia, lê-se para chegar ao “prazer do texto”.

Com o estudo sobre as dificuldades de leitura e escrita nas séries iniciais obtêm-se as seguintes conclusões:

Os professores que estão em sala de aula lêem pouco, assim sendo, fica difícil estimular o aluno a ler.

A literatura não está sendo trabalhada nas escolas. O currículo não está sendo elaborado para que estimule as crianças a ler.

A escola deve criar um espaço que proporcione ao aluno um ambiente onde despertará para a leitura.

A escola deverá oferecer livros para as crianças onde deve ser valorizada a leitura como objeto de prazer e conhecimento.

É função primordial da escola ensinar a ler. É função essencial da escola ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces.

A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com os textos da literatura que criam a possibilidade de o indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Crianças de séries iniciais podem ir desenvolvendo, desde cedo, seus gestos de leitura e escrita, gestos que não se separam nessa fase. E tal trabalho só irá ocorrer se houver participação e presença contínua do professor, que deverá atuar também como um mediador.

A criança não se transforma em um leitor de um dia para o outro, com a ajuda de um método: ela percorre um trajeto cujas bases são as concepções iniciais sobre o que é ler. E esse trajeto tem início a partir do momento em que as condições do meio lhe sejam favorável. Por isso, certo

número de crianças chega à escola em uma etapa avançada dessa aprendizagem. É que elas tiveram oportunidades de viverem num meio letrado, onde as atividades de ler e escrever estavam inscritos no cotidiano familiar. Para outras crianças, o meio social não proporcionou esse suporte de base, essencial para a intervenção escolar do processo de aprendizagem da leitura. Conseqüentemente, iniciam sua escolaridade com uma violência diferente em relação aos usos da escrita.

É esse fato que a escola não tem levado em conta: o uso familiar determina o valor social que a criança confere à escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Andréa. **Psicopedagogia II**, módulo VIV

AJURIAGUERRA, J. de et al. **A dislexia em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

AJURIAGUERRA, J. de et al. **A escrita infantil: evolução e dificuldades**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ALLIENDE; GOLDEMARIN, **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1989.

ALMEIDA, S. F. C. de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender**. Temas em Psicologia, n.1, 1993.

ARAÚJO, Paulo. **Crianças na escola**. Revista veja. Editora Abril, edição: 1963, 2002.

ASSIS, M. B. A. C. **Aspectos afetivos do desempenho escolar: alguns processos inconscientes**. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, n.20, p.35- 48, 1990.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BARONE, L. M. C. **Psicanálise sem divã: desejo e aprendizagem da leitura e da escrita**. Jornal de Psicanálise, v.30, n. 55/56, p.109-123, junho, 1997.

BORUCHOVITCH, E. **A psicologia cognitiva e a metacognição: novas perspectivas para o fracasso escolar brasileiro**. Tecnologia Educacional, v.22, (110/111), p.22- 28, janeiro/abril, 1993.

_____. **As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem: uma contribuição para a psicologia escolar.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.10, n.1, p.129-139, janeiro/ abril, 1994.

BRASLAVSKY, Berta P. **Problemas e métodos no ensino da leitura.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1971.

CARRAHER, T. N., SCHLIEMANN, A. D. **Fracasso escolar: uma questão social.** Cadernos de pesquisa, n.45, p.3-18, maio, 1983.

CAVALCANTE, Zélia. **Ministério do Desporto.** Brasília, 1996

COLL, C. **Psicologia e educação: aproximação aos objetivos e conteúdos da psicologia da educação.** In COLL, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Concepções e práticas de psicólogos escolares acerca das dificuldades de aprendizagem. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.11, n.2, p.117- 134, maio/ agosto, 1995.

CORREIRA, Luís Miranda; MARTINS, A, P. **Dificuldades de aprendizagem: Que são? Como entendê-las?.** Rio de Janeiro: Porto, 2005.

DOCKRELL, J. e McSHANE, J. **Dificuldades de aprendizaje en la infancia – un enfoque cognitivo.** Ed. Paidós, Buenos Aires, 1997.

DUARTE, N. **Socialização do saber escolar.** 4ª edição. São Paulo: Autores Associados, 1987.

ELKIND, D. **Crianças e adolescentes – ensaios interpretativos sobre Jean Piaget.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

ESCORIZA NIETO, J. **Dificultades en el proceso de composición del discurso escrito.** In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J.A. Dificultades de aprendizaje. Madrid: Editorial Sintesis, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emilia. **Os processos de leitura e escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FUGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara Goulart. **Como facilitar a leitura.** São Paulo: Contexto, 1992.

GARCIA, Regina Leite. **O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais.** São Paulo: Loyola, 1986.

GARCÍA SÁNCHEZ, J. N. **Historia y concepto de las dificultades de aprendizaje.** In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J. A. Dificultades de aprendizaje. Madrid: Editorial Sintesis, 1998.

GONZÁLEZ CABANACH, R., VALLE ARIAS, A. **Características afectivo-motivacionales de los estudiantes con dificultades de aprendizaje.** In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J.A. **Dificultades de aprendizaje.** Madrid: Editorial Sintesis, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987.

GROSSI, E. P. **Alfabetização em classe popular.** Cadernos de Pesquisa, n.55, p.85- 97, novembro, 1985.

HOUT, Anne Van; ESTIENNE, Françoise. **Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento.** Porto Alegre: Artmed, 2ª edição, 2001.

<http://www.educabrasil.com.br>, acessado em 02/2005.

KAPLAN, H. I., SADOCK, B. J. **Compêndio de psiquiatria: ciências comportamentais – psiquiatria clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1993.

LUCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MARTINELLI, S. de C. **Aprendizagem de forma e conteúdo em situação de conflito cognitivo**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil, 1998.

NICASIO GARCÍA, J. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

NUNES, A. N. de A. **Fracasso escolar e desamparo adquirido**. Psicologia: teoria e Pesquisa, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NÚÑEZ PÉREZ, J. C., GONZÁLEZ-PUMARIEGA, S. **Intervención sobre los Déficits afectivos y motivacionales en alumnos con dificultades de aprendizaje**. In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J. A. **Dificultades de aprendizaje**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

OLIVEIRA, G. de C. **Psicomotricidade: um estudo em escolares com dificuldades em leitura e escrita**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil, 1992.

ORLANDI, Eneu Pulcinelli; MELO, José Marques de; MARCUSCHI, Luis Antônio; ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura-Perspectiva, Interdisciplinares**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PARDO, Néstor. a Secretaría de Educación y Cultura de La Ceja: Hacia la Excelencia Educativa. Informe al Concejo. La Ceja, Febrero de 1998.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Zahar, 1975.

POPPOVIC, Ana Maria, **Alfabetização: um problema inter-disciplinar**. São Paulo: (Caderno de Pesquisa), 1971.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira estrutura e sistema**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5ª ed. São Paulo: Papyrus, 1995.

SISTO, F. F. **Aprendizagem e mudanças cognitivas em crianças**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SNOWLING, Margaret; STACKHOUSE, Joy e colaboradores. **Dislexia, fala e linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STAMBAK, M., VIAL, M., DIATKINE, R., PLAISANCE, E., BEAUVAIS, J. Síntese dos trabalhos. IN AJURIAGUERRA, J. de et al. **A dislexia em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

TEBEROSKY, A., CARDOSO, B. (Org.). **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. São Paulo: Editora da Universidade estadual de Campinas, 1991.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E
ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS**

FRANCISCA CELINA SOARES MARCILON

FORTALEZA-CEARÁ

2005